
“Amazônia em risco”: análise dos imaginários sociodiscursivos projetados por reportagens veiculadas pela associação jornalística transnacional “Centro Latinoamericano de Investigación Periodística”¹²

Ana Laura QUEIROZ³

Ivan Vasconcelos FIGUEIREDO⁴

Universidade Federal de São João del-Rei – UFSJ, Minas Gerais, MG

Resumo

A presente pesquisa busca analisar os imaginários sociodiscursivos projetados sobre a Amazônia Legal pela associação jornalística transnacional “Centro Latinoamericano de Investigación Periodística”, em reportagens veiculadas digitalmente entre maio e junho de 2021. O estudo de caso propõe um mergulho nas nuances da cobertura jornalística independente e colaborativa na formação de saberes populares e construção de denúncias sobre corrupção e ocupação ilegal de territórios na maior floresta tropical do planeta. O quadro teórico é formado, fundamentalmente, pelas noções de imprensa de Habermas (2008) e Marques (2004), meio ambiente de Krenak (2019, 2020), imaginários sociodiscursivos de Steinberger-Elias (2005) e Charaudeau (2006) e, por fim, discurso de Foucault (1971, 1996) e Latour (2020).

Palavras-chave

Amazônia; Meio Ambiente; Mídia Independente; Imaginários Sociodiscursivos; Centro Latinoamericano de Investigación Periodística.

Introdução

Calor extremo, derretimento das calotas polares, secas severas, inundações históricas, insegurança alimentar. O imaginário internacional ocidental exploratório e predatório sobre os usos dos recursos naturais chegou ao seu auge em 2021. Convertidos historicamente em riquezas a serem exploradas e transformadas em mercadorias, os recursos naturais demonstram sinais de esgotamento, gerando os impactos climáticos mais generalizados e severos do que se esperava. O alerta é do

¹ Trabalho apresentado no IJ01 – Jornalismo, da Intercom Júnior – XIX Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, evento do 46º Congresso Brasileiro de Ciências de Comunicação, realizado de 4 a 8 de setembro de 2023.

² O presente trabalho foi realizado com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG (modalidade: bolsa de Iniciação Científica) e com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

³ Estudante de Graduação do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFSJ, email: analaura.queirooz@gmail.com.

⁴ Orientador do trabalho de Iniciação Científica, Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFSJ, email: ivanvasconcelos@ufsj.edu.br

“Sexto Relatório de Avaliação do Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas - Mudança Climática 2022: Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade” da Organização das Nações Unidas (ONU), o qual contou com a participação de 278 cientistas de 65 países.

Diante dessa conjuntura, esta pesquisa visa o estabelecimento de um estudo de caso sobre a atuação da associação sem fins lucrativos “Centro Latinoamericano de Investigación Periodística” (CLIP), criada legalmente em 2020, para realizar investigações jornalísticas transnacionais na América Latina, a fim de desvendar os “abusos de poder”, tornando-os visíveis e acessíveis aos cidadãos. O CLIP almeja ocupar as lacunas deixadas pela cobertura da imprensa privada tradicional no que se refere à independência mercantil do trabalho jornalístico e de “desvelar a desinformação”. A equipe atual é formada por 14 profissionais e *freelancers*; o projeto conta com o apoio de 28 meios de comunicação e organizações na região, dos Estados Unidos e México, da Argentina e Brasil (CLIP, 2022).

O *corpus* da presente pesquisa é composto por um do quinze projetos de jornalismo investigativo do CLIP: a série de reportagens intitulada “Amazônia en Riesgo” (“Amazônia em Risco”; tradução nossa), a qual denuncia a devastação da floresta tropical no Brasil e Peru, bem como o contexto dos projetos de alto impacto ambiental, do enfraquecimento das proteções ambientais e da violência contra indígenas, comunidades ribeirinhas e ativistas. O conteúdo passou a ser veiculado em 27 de maio de 2021 no portal do CLIP. Neste recorte, onde propõe-se observar a cobertura referente ao jornalismo investigativo ambiental, a série de reportagens “Amazonía en Riesgo” é, também, inédita na mídia latinoamericana. Justifica-se pela natureza colaborativa e transnacional do conteúdo investigativo a ser analisado. É possível afirmar, ainda, que as reportagens veiculadas, até junho de 2021, *corpus* deste trabalho, possuem significativa relevância na construção de denúncias das mazelas sociais e consequente rompimento dos imaginários já construídos pela mídia hegemônica nacional e internacional.

O problema de pesquisa baseia-se nas seguintes questões: a) Quais são os os imaginários sociodiscursivos sobre a Amazônia projetados pelo CLIP por meio das reportagens? b) Como estão fundamentados, distribuídos e arregimentados os saberes de conhecimento e de crença que fundamentam os imaginários sociodiscursivos sobre a

Amazônia? c) Ao se colocar como mídia independente, como o CLIP produz conteúdo diferenciado do roteiro de tratamento da geopolítica internacional da informação caracterizado por Latour (2020a), a saber: tratamento superficial da questão ambiental; ausência de ênfase e denúncia sobre a desvinculação do negacionismo com a “verdade” científica; não discussão sobre a descrença coletiva em todas as questões sociais.

A pesquisa tem como eixos temáticos: (I) discurso (Foucault, 1971, 1996; Charaudeau, 2001, 2006a, 2006b, 2009); (II) imaginários sociodiscursivos (Charaudeau, 2006b, 2017; Steinberger-Elias, 2005); (III) relação entre mídia e sociedade (Charaudeau, 2006a; Habermas, 1987, 2008; Maia, 2011; Marques, 2008; Steinberger-Elias, 2005; Thompson, 1998); (IV) meio ambiente (Krenak, 2019, 2020; Latour, 2020a, 2020b).

Mídia e sociedade: uma breve perspectiva

Apesar da reconhecida função social, a mídia é, antes de tudo, um negócio e, como tal, deve ser compreendida pela relação com a produção, armazenamento e circulação de materiais significativos para os indivíduos que os produzem e os recebem. A base dos meios de comunicação em larga escala reside na reprodutibilidade das formas simbólicas, especificamente, em dizeres transformados em mercadorias para serem vendidas e compradas, conforme explica Thompson (1998). Tais dizeres possuem o poder de alterar e modelar as referências e compreensões de mundo que estão fora do nosso alcance, segundo o autor, afetando também outras conversas e situações cotidianas para além da comunicação inicial entre enunciador e receptor. Ademais, Habermas (2008) considera que a mídia⁵ pode ser colocada como vetor de mudanças sociais e democráticas, desde que (I) adquira independência no saber-fazer jornalístico diante da “empresa mídia”; (II) ocorra interlocução entre discurso informado da elite e sociedade responsiva. Evidentemente, essa agenda de reconexão da mídia com seu papel social está mais conectada a um ideal do que uma transformação efetiva.

Conforme Marques (2004), baseada em uma reflexão sobre o papel dos meios de comunicação de Habermas (1987), considera que a mídia é essencial ao fortalecimento

⁵ Neste ponto, compete destacar que o poder da mídia não é tratado mais como manipulação direta, mas como jogo de influências. Nessa corrente de pensamento, a estrutura abstrata e assimétrica de mídia não é em si um obstáculo para formação de opiniões públicas relevantes.

e manutenção das estruturas deliberativas que fazem parte das dinâmicas democráticas das sociedades contemporâneas. Entretanto, os pontos de vista veiculados pelo sistema midiático são parciais e recortados, pondera a autora. Consequentemente, cabe determinado ceticismo sobre o papel de mediação, pois a mídia procura formatar a discussão de temas a partir de poderes que fazem parte da seleção, ordenamento e publicização de informações. Ao atuarem como atores dúbios, os meios de comunicação, “ao mesmo tempo em que contribuem para o alargamento e a construção de espaços de discussão, estão submetidos às lógicas do mercado e das desigualdades de poder entre o público e os agentes mediáticos.” (Marques, 2004, p. 30).

A ideia de sistema para tratar da mídia na sociedade contemporânea endossa, conforme Maia (2011), a visão de que a mídia - sistema complexo formado por instituições e normas, suportado por série de profissionais – ganharia relativa autonomia diante de outros sistemas e opera com funcionalidade específica, possuindo auto-regulação. Tal modelo oferece uma perspectiva mais sofisticada para explicar motivações e consequências do trabalho do jornalista (vai além de ser um resultado de sujeitos isolados), defende Maia (2011).

Por seu turno, Charaudeau (2006a) entende as mídias como suportes organizacionais que integram informação e comunicação na lógica econômica (fazer viver uma empresa), tecnológica (estender a qualidade e a quantidade de sua difusão) e simbólica (servir à democracia cidadã). Para o autor, as mídias não são, em si, uma instância de poder, tendo em vista que a ocorrência do poder requer uma vontade coletiva de guiar ou orientar os comportamentos, em nome de valores compartilhados. Enquanto Steinberger-Elias (2005) observa os meios de comunicação como responsáveis pela instituição da ordem geopolítica mundial, constituindo um mapa cognitivo que articula a visão dos sujeitos sobre o mundo. Com o poder de estabelecer a agenda, reverbera-se um discurso geopolítico enquanto modo de instituir um estado de coisas, refletindo redes e relações em que foram produzidas.

Em nosso entendimento, a função social da mídia tradicional tem sido desvirtuada não somente pelo jogo de influências dos poderes econômico e político, mas também pelas interferências simbólicas. Os meios de comunicação em larga escala constituem-se também como novos atores responsáveis pela instituição da ordem geopolítica mundial, exercendo o poder simbólico de filtragem e tratamento dos

sistemas simbólicos que permitem a compreensão de mundo. Cabe observar que o poder dos meios de comunicação em larga escala está na escolha da informação e dos efeitos projetados em sua difusão.

Meio ambiente: uma ideia construída discursivamente

A ideia, construída discursivamente e naturalizada pelas práticas sociais e discursivas, de descolamento entre humanidade e o organismo Terra tem sido analisada e confrontada por Krenak (2019; 2020). Para o autor (2019, n.p.), a denominada era do “Antropoceno deveria soar como um alarme”, tendo em vista que as explorações realizadas pelos humanos na natureza tem exaurido as “fontes de vida”. A humanidade se vê diante de um dilema: a cisão entre humanidade e natureza, fruto de uma construção histórica que vincula o meio ambiente a uma mercadoria, impõe a exclusão social e discursiva, na condição de sub-humanidade, de formas de organização que justamente lutam e agem com “corresponsabilidade com os lugares onde vivemos e o respeito pelo direito à vida dos seres”. Assim, os modos de vida e alertas de caiçaras, índios, quilombolas e aborígenes são tornados invisíveis e inválidos, ficando “meio esquecidos pelas bordas do planeta, nas margens dos rios, na beira dos oceanos, na África, na Ásia ou América Latina (Krenak, 2019, n.p.).

Tais reflexões implicam na observação do silenciamento das vozes da “sub-humanidade” como um fenômeno diretamente relacionado ao modo de funcionamento dos sistemas sociais, os quais são estruturados nas desigualdades sociais, ou seja, são fundamentados em assimetrias produzidas e introjetadas a determinados grupos sociais. Em decorrência, o discurso pelo respeito e corresponsabilidade humana para com o organismo Terra tem sido atravessado por jogos de poder, determinando silenciamentos e negações ao direito de dizer.

Segundo Foucault (1971, 1996), os jogos de poder se dão no e pelo discurso, por meio de mecanismos de interdição aos dizeres e saberes, sendo alicerces para que a sociedade se estruture e se organize de forma desigual. Nessa dinâmica, determinados padrões são estabilizados e naturalizados, não sendo percebidas as seus processos sócio-históricos e discursivos de construção. A própria noção de sustentabilidade é um exemplo desse processo de negações, opressões e silenciamentos. Ao retomar as

concepções de sustentabilidade e desenvolvimento sustentável emergidas nas discussões sobre o meio ambiente e clima nas “Conferência das Nações Unidas sobre o Desenvolvimento e Meio Ambiente Humano” (Estocolmo-1972) e da “Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento” (Rio-92), Nascimento (2012, p. 51) explica que elas denotam a necessária vinculação das desigualdades sociais à sustentabilidade, reconhecendo que “a pobreza é provocadora de agressões ambientais e, por isso, a sustentabilidade deve contemplar a equidade social e a qualidade de vida dessa geração e das próximas.”

Navegada mais pelas crenças e ideologias do que pelos saberes de conhecimento, a denominada “humanidade” vê-se em meio a uma névoa sobre a Terra e seu futuro. Conforme Latour (2020b), os estudos e avisos da comunidade científica, em especial, dos climatologistas, têm sido contrapostos por meio de uma articulação com as “elites obscurantistas”, as quais passam a negar a situação geopolítica geral por meio de desinformação acerca dos efeitos do Antropoceno na natureza.

O Novo Regime Climático está em processo e a Terra – enquanto organismo vivo – reage às interferências e ações humanas, analisa Latour (2020b). Contudo, não existe sensibilidade e acesso pleno aos conhecimentos sobre essa questão essencial para a sobrevivência a todos os seres. O autor (2020a) evidencia que a discussão sobre o meio ambiente tem sido imbricada pela entrada, financiamento e abertura de repercussão de vozes de negação científica, marcada pelo embate entre climatologistas e os “climatocéticos” (ou “climatonegacionistas”). Segundo o autor (2020a, p. 5), é necessário um repensar sobre o conceito de meio ambiente a partir da figura mítica de “Gaia”, reconhecendo a inexistência de separação entre ambiente e interferência de humanos nas dinâmicas da Terra. Como existente global, Gaia “é simplesmente a consequência das sucessivas invenções dos vivos que acabaram transformando completamente as condições físico-químicas da terra geológica inicial”. Com isso, a revisão das condições que tornam a vida habitável é condição primeira para a sobrevivência dos seres habitantes terrestres, na medida que “esta Terra parece reagir a nossas ações” (Latour, 2020a, p. 10).

Em meio a essa conjuntura, a imprensa tradicional privada tem reagido de forma insatisfatória diante da organização da política atual promovida pelo negacionismo climático, atenta Latour (2020b, p. 29), contribuindo para a dispersão de sentidos de

mundo ao: I) tratar tais temáticas de modo superficial; II) não enfatizar e denunciar a desvinculação da política negacionista com a “verdade” científica; e III) não discutir os motivos pelos quais as pessoas passaram a “não acreditar em mais nada”.

Ao nosso ver, a mídia atua por meio de práticas socioculturais alicerçada na reconstrução de dizeres sociais, em que discursos se articulam e veiculam conhecimentos, crenças e valores ancorados em saberes simplificados e parcialmente estáveis, os quais podem carregar traços de processos ideológicos. No caso do objeto estudado, o CLIP desempenha um importante papel na desconstrução de discursos negacionistas e unilaterais ao abarcar as nuances das lutas climáticas em território amazônico; possibilitar, em igualdade de espaços, a fala e representação de setores marginalizados da sociedade; contestar políticas dominantes e, não menos importante, expor o cenário catastrófico ao qual a região está submetida.

Imaginários sociodiscursivos

A Teoria Semiolinguística (TS), vertente francesa de Análise de Discurso, possui base na semiologia de Barthes (2001), concebendo o discurso como o “lugar da encenação da significação” (Charaudeau, 2001, p. 25), enquanto estabelece que o estudo do ato de linguagem deve considerar duas macrodimensões: situacional e retórico-discursiva. Charaudeau (2009) considera que sujeitos comunicantes e interpretantes interagem linguisticamente por meio da encenação de identidades discursivas, permeadas por um jogo de expectativas e condicionamentos, dados pela situação de comunicação e o gênero textual. No caso da imprensa, os sujeitos comunicantes são compósitos, em virtude do trabalho coletivo de apuração, redação, edição e publicação dos textos jornalísticos. Sendo assim, por meio das categorias “sujeitos do discurso” (Charaudeau, 2009), “gêneros do discurso” (Charaudeau, 2004), “estatutos factual, ficcional ou de mentira” (Mendes, 2004), “efeitos situacionais de real, de ficção e de gênero” (Mendes, 2008), procura-se responder às questões: Quem fala a quem? Com qual finalidade? Por qual meio e condições? Com que efeitos? Quais são as consequências?

No campo discursivo contemporâneo, as obliterações de acesso e poder somam-se também à negação dos conhecimentos científicos e dizeres difusos,

silenciados por parte da imprensa. Visto isso, uma das formas de se investigar as teias entre o debate social sobre a Amazônia e sua reconstrução de sentidos pela imprensa ocorre por meio da análise dos imaginários sociodiscursivos, entendido aqui como conceito e categoria que permite perceber como os discursos circulam e atravessam o funcionamento social, de modo a possibilitar a compreensão das relações entre sujeito-mundo (Charaudeau, 2006b, 2017).

Nesse arcabouço, estabelecemos o elo deste trabalho: a negação científica na construção e manutenção de imaginários sociodiscursivos. Steinberger-Elias (2005) argumenta que os meios de comunicação em larga escala e a opinião pública constituem-se também como novos atores responsáveis pela instituição da ordem geopolítica mundial, exercendo o poder simbólico de filtragem e tratamento dos sistemas simbólicos que permitem a compreensão de mundo. Concomitantemente, dentro de um contexto específico, como a floresta amazônica e as condições climáticas.

Ao abarcar tais nuances, compreendemos o imaginário social como fenômeno capaz de modelar condutas, atos e preservação ou destruição, potencializados pelo discurso midiático e jogos de poder. Ademais, as ideias formatadas a partir de tais imaginários podem auxiliar a estratégia retórica do enunciador para que o projeto de fala se assemelhe aos dizeres recebidos e ressignificados pelo receptor, assim como forma de poder simbólico e de captação ao oferecer, dentro do espetáculo midiático, universos comuns e facilmente reconhecíveis.

Conforme Charaudeau (2006b, p. 197), as representações sociais são modos de ver e julgar o mundo, por meio de processos discursivos de discriminação, classificação e atribuição de valores. As escolhas dos sujeitos ocorrem pautadas em sistemas de saberes caracterizados como “maneiras de dizer configuradas na e pela linguagem”. Os sistemas de pensamento socialmente partilhados não são categorias abstratas da mente. Segundo Charaudeau (2017), os imaginários sociodiscursivos são provenientes da intersubjetividade das relações humanas e estão calcados em processos racionais e emocionais de simbolização do mundo cuja funcionalidade estabelece-se na geração de valores e justificação das ações dos sujeitos e grupos sociais. Tais imaginários caracterizam-se como a dimensão tangível, ou seja, a materialização linguístico-discursiva, das representações sociais, as quais estão estruturadas em saberes de conhecimento e de crença.

O conceito charaudeano de imaginários sociodiscursivos procura operacionalizar a análise das formas de apreensão do mundo pelos sujeitos e sanar os conflitos teóricos da noção de representação, aproximando-a das concepções de ideologia, doutrina, crenças e visões de mundo e da ciência. Os imaginários sociodiscursivos nascem dentro do mecanismo das representações sociais, construindo a simbolização do real através da ordem afetivo-racional atravessada pela intersubjetividade das relações humanas e se depositando na memória coletiva. Na dupla interação homem/mundo e mundo/homem, os imaginários emergem na ordem do que se acredita ser verdadeiro, procurando estabelecer, provisoriamente, o absoluto. Nesse processo, existe espaço para contestação e reafirmação, seja consciente ou inconscientemente. Charaudeau (2006b, p. 205) vê os grupos sociais “em uma situação paradoxal: eles não cessam de produzir, de reinterpretar, na verdade, de questionar os imaginários, e, ao mesmo tempo, não podem se furtar de essencializá-los”, uma vez que tais imaginários têm a pretensão de serem universais.

Os imaginários sociodiscursivos estruturam-se, conforme Charaudeau (2017) em uma gênese de saberes de conhecimento e de crença. O primeiro tende a estabelecer uma verdade sobre os fenômenos do mundo e é dividido em: i) saber científico - saber das ciências em geral; ii) saber da experiência - construídos sobre vivência e sem garantias de comprovação. Enquanto o segundo, por sua vez, traça avaliações, apreciações e julgamentos em relação a fenômenos, dividido em: a) saber de revelação - desempenha um papel de referência absoluta aos valores, embora não possa ser provada ou verificada; b) saber de opinião - nasce de um processo de avaliação e culmina em uma decisão, aqui, o sujeito se impõe ao mundo.

Sendo assim, a análise dos imaginários considera as condições de produção de sentidos e os códigos linguageiros, em que as marcas presentes verbalmente em textos possibilitam desvelar os processos de arregimentação dos saberes que alicerçam os discursos.

Análise

A série de reportagens "Amazonia en riesgo", analisada a partir da situação de comunicação e dos imaginários sociodiscursivos da TS, nos limites do subgrupo de

material investigativo “Madera Sin Rastro”, traz à público a cronologia e descrição detalhista das lacunas legais que envolvem a extradição e exportação da madeira peruana. Trata-se de uma denúncia fundamentada e amparada em centenas de documentos que relatam o envolvimento de figuras públicas, empresários internacionais e famílias da elite política do Peru, além de trazer números sobre funcionários envolvidos em fraudes de documentos oficiais e falhas na fiscalização aduaneira. Não obstante, aborda a gravidade dos impactos ambientais sujeitos ao cenário de destruição e tece reflexões primordiais sobre sustentabilidade, políticas públicas e ciência. O material é dividido e divulgado ao longo de seis grandes reportagens multimodais, com uso de imagens, gráficos, dados, exposição de documentos e entrevistas.

A série de textos do CLIP estrutura-se no gênero jornalístico “reportagem”, por meio de uma estratégia de projeção de um estatuto factual, visando conferir efeitos de veracidade e credibilidade aos ditos. Com relação aos sujeitos falantes, temos Eu-comunicantes compósitos (seres sociais trabalhadores da notícia) e Eu-enunciadores que se evidenciam na dinâmica da situação de comunicação, respaldando-se no ethos do jornalismo de credibilidade. Por seu turno, temos sujeitos receptores: Tu-destinatário (ser de fala - leitores de mídia independente) e Tu-destinatários (sujeito interpretante - ser social demarcado como “consumidores de informação”).

A distribuição de vozes, representações e espaços de fala evidencia três nichos principais de fontes, as quais atuam como coenunciadores nas reportagens: a) representantes das empresas exploradoras; b) governo peruano; c) especialistas ambientais. Nas seis matérias, as madeireiras e empresários do ramo apareceram em 66%; enquanto o governo peruano, 50% e, por último e com maior representatividade, especialistas ambientais, com um espaço de 83%. Notemos a disparidade de ocupação de espaços entre madeireiros e especialistas (17%). Com base nos dados, percebemos uma inversão no padrão de tratamento jornalístico tradicional: um espaço maior cedido a questionamentos, reflexões ambientais e para a própria ciência, com relação a figuras de maior prestígio financeiro, ou seja, a empresa.

Tendo em vista a natureza colaborativa e investigativa da série, somado à legitimidade aplicada sobre as vozes de especialistas ambientais, pontuados acima, a série de reportagens compactua com a quebra de um silenciamento histórico sobre as causas da Amazônia. Ademais, abre espaço para a ciência em contraponto à ganância,

corrupção e exploração sem precedentes, que perpetuam em uma sub-humanidade, como pontua Krenak (2019). Em resumo, o discurso fundamentado na ciência e na vivência de especialistas valoriza os saberes legítimos da terra, do povo e do cotidiano da Floresta. Notamos, ainda, a distribuição dos saberes e crenças nos relatos de funcionários e ex-funcionários que não somente denunciam injustiças, como expõem os impactos ambientais vivenciados no cotidiano. Estes, optam por defender uma imagem da Amazônia Legal, cultural e detentora da maior biodiversidade do planeta, em contraponto à imagem de uma terra sem lei. À exemplo do excerto 1, retirado da reportagem “Los fieles clientes mexicanos de La Oroza” (“Os fiéis clientes mexicanos de La Oroza”; tradução nossa):

“Para conservar esos árboles de toda la región amazónica —resalta la doctora Rauber— no solo se necesita que los países de la Amazonía implementen acciones para evitar la tala ilegal y comercialización de esa madera, sino que “es necesario que los otros países reconozcan la importancia de esa selva, la importancia de la Amazonía en el clima. Todos tienen que colaborar”. (CLIP, 2021)

Com relação aos imaginários sociodiscursivos e suas nuances, o trabalho do CLIP não só contesta a imagem de terra sem lei, como acentua o fato de que há famílias que trabalham e resistem ao avanço da exploração. Além de fauna e flora, descritos detalhadamente, que (re)existem ao avanço predatório das madeiras. Observamos no excerto 2, retirado da reportagem “El destino fatal del shihuahuaco” (“O destino fatal de shihuahuaco”; tradução nossa):

“Un árbol de shihuahuaco puede tardar 1.200 años en alcanzar un diámetro de 120 centímetros y una altura de 50 metros. Sobre sus elevadas ramas, especies como el águila arpía o el guacamayo escarlata construyen sus nidos. Como otros frondosos árboles que crecen en la espesa Amazonía capturan enormes cantidades de carbono y proveen alimento a mamíferos que contribuyen al equilibrio del ecosistema.” (CLIP, 2021)

Ao mesmo tempo, se consolidam imaginários fundamentos na ciência e em dados coletados, que a destruição da floresta não é refém da mudança climática, mas da busca pelo lucro por poucas famílias da elite que ditam e alimentam um sistema corrupto. Neste sentido, solidifica novos imaginários, a partir de espaços de fala e relatos testemunhais, de uma Amazônia muito além do formulado pelas páginas da

grande mídia. A exemplo 3, o trecho retirado da reportagem “Madereros peruanos sancionados cambian de corteza” (“Madeireiros peruanos sancionados mudam de cascas”; tradução nossa):

“La tala que no obedece a planes de explotación sustentable del bosque contribuye a la pérdida de los ecosistemas amazónicos, cuya conservación es el mayor aporte de sus países a mitigar la crisis climática. Por eso los empresarios tienen que asegurarse de que la madera que comercializan proviene de una explotación forestal sostenible, una responsabilidad que les exigen las propias normas peruanas y brasileñas, y también las estadounidenses, australianas y europeas. “Pero aún un manejo ordenado no garantiza que sea sustentable”, dijo a esta alianza periodística, la ecóloga Ángela Parrado Rosselli, quien ha investigado la regeneración de especies en la Amazonia colombiana. No lo garantiza porque no hay conocimiento claro de cómo se reproducen muchísimas especies, según la región donde se ubiquen, la calidad del suelo y el agua, o la producción de sus frutos. “Entonces los gobiernos aplican normas genéricas que no necesariamente garantizan la regeneración de todas las especies”, explica.” (CLIP, 2021)

Ao retomarmos o espaço dado pelo CLIP à fontes científicas (83%), resgatamos Charaudeau (2009). Se de um lado compreendemos que os sujeitos comunicantes estão sujeitos a um jogo de expectativas e condicionamentos, ao trazer fundamentalmente provas e evidências empíricas e documentais, o CLIP contribui para o fim de um jogo de cartas marcadas, em que se permite somente a consulta de fontes de interesse político e financeiro. Ao se colocar como mídia independente, o CLIP produz um conteúdo diferenciado e sem amarras, deixando a superficialidade da questão ambiental e pautando discussões relevantes sobre o meio ambiente. Para tal intuito, desvincula o negacionismo e abre portas para a discussão e reflexão sobre a descrença coletiva.

A prática do jornalismo realizada pelo CLIP coloca em xeque práticas nocivas ao meio ambiente e à humanidade. Em resumo, procura legitimar os dizeres dos povos da floresta e da ciência e romper com hiatos problemáticos da cobertura midiática sobre o tema. Com relação à fundamentação e distribuição dos saberes de conhecimento e crença, pontuamos que ambos se projetam na diversidade de fontes e no amparo em relatos de testemunhas, observados na participação de personalidades da ciência, da comunidade e do governo, além do arsenal de documentos fundamentados na legislação de cada país. Em consonância, ao se colocar como mídia independente e essencialmente investigativa, o CLIP produz um conteúdo diferenciado do roteiro de tratamento da geopolítica internacional da informação, caracterizado previamente por Latour (2020a).

O trabalho jornalístico em questão diferencia-se do tratamento superficial da questão ambiental, preenche espaços relevantes a partir do ênfase e denúncia sobre a desvinculação do negacionismo com a “verdade” científica e propõe discussões sobre a descrença coletiva acerca do cenário climático e crises territoriais na Amazônia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As notícias arregimentam e projetam imaginários sociodiscursivos capazes de exercer pressão e poder simbólico sobre a esfera social. Quando tratam de devastação ambiental e preservação do meio ambiente, tendo como tema a Amazônia, os dizeres presentes na série de reportagens “Amazônia em risco” resgatam e reapropriam imaginários sociodiscursivos atrelados à criação de valores e justificativas das ações dos sujeitos e grupos sociais, instigando os sujeitos a assumirem papéis sociais e reconstruírem representações de mundo. Por outro lado, os imaginários sociodiscursivos circulantes na imprensa privada tradicional sobre a Amazônia contribuem para a manutenção da exploração e ocupação da floresta para alimentar projetos políticos e econômicos. Neste ponto, cabe observar que a (re)construção dos imaginários auxilia no agravamento das questões ambientais da Amazônia e tendem a contribuir para as mazelas sociais do Brasil.

A série de reportagens destaca a existência de saberes e crenças que fundamentam a construção do imaginário sobre a Amazônia. A apresentação de um discurso que tenha como base o movimento ambientalista, bem como a resistência dos povos afetados pela exploração dos recursos e da terra. Fundamentada em um texto jornalístico humanizado, a série de reportagens analisada mergulha nas vivências do povo amazônico, compartilhando saberes construídos pelo cotidiano do trabalhador nas madeiras.

A produção de conteúdo do CLIP distingue-se do roteiro de tratamento da geopolítica internacional da informação caracterizado por Latour (2020). A natureza investigativa da série de reportagens analisada, bem como o discurso contra-hegemônico do veículo, furam a limitação das informações veiculadas pela grande mídia. Como consequência, o trabalho jornalístico do CLIP se desvincula do negacionismo da “verdade” científica defendida pela imprensa hegemônica. Sob este

ponto, abrem-se novas perspectivas de pesquisa sobre a descrença coletiva nas questões sociais, conseqüente do discurso hegemônico, assim como os impactos da narrativa independente e contra-hegemônica nas tentativas de mudança deste cenário.

Enquanto desdobramentos, com base em Steinberger-Elias (2005), consideramos, em um primeiro aspecto, ser necessário “desmidiatizar”, retomando o jornalismo enquanto espaço de conflito, de modo a combater a centralidade da mídia na formação do imaginário social latinoamericano a respeito da Amazônia. De modo correlato, ao reconhecermos que a mídia atua como *soft power* (poder brando), procurando condicionar a agenda e constituir o espaço público, implica-se a ação de “desautomatizar” os imaginários jornalísticos, a fim de que as recepções percebam os jogos linguageiros e de poder que atravessam os relatos jornalísticos.

REFERÊNCIAS

BARTHES, R. **A aventura semiológica**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AMAZONÍA en riesgo. Centro Latinoamericano de Investigación Periodística, 27 de out. de 2020. Disponível em: <https://www.elclip.org/amazonia-en-riesgo/>. Acesso em: 29 abr. 2022.

CHARAUDEAU, P. Uma teoria dos sujeitos da linguagem. In: MARI, Hugo. **Análise do discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2001, p. 23-37.

CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006a.

CHARAUDEAU, P. **Discurso político**. São Paulo: Contexto, 2006b.

CHARAUDEAU, P. **Linguagem e discurso**. São Paulo: Contexto, 2009.

CHARAUDEAU, P. Visadas discursivas, gêneros situacionais e construção textual. In: MACHADO, I.; MELLO, R. (orgs.) **Gêneros**. Belo Horizonte: UFMG, 2004, p. 13-41.

CHARAUDEAU, P. Os estereótipos, muito bem. Os imaginários, ainda melhor. **Entre palavras**, Fortaleza, v. 7, p. 571-591, jan./jun. 2017.

HABERMAS, J. **The theory of communicative action**. Vol. II. Boston: Beacon Press, 1987.

HABERMAS, J. Comunicação política na sociedade mediática. **Líbero**, ano XI, n. 21, jun. 2008.

IMAZON. Boletim do Desmatamento. Disponível em: <https://imazon.org.br/categorias/relatorios/>. Acesso em: 2 maio 2022.

FOLHA DE S. PAULO. Acervo. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/index.do>. Acesso em: 2 maio 2022.

KRENAK, A. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

KRENAK, A. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LATOURE, B. **Diante de Gaia**. São Paulo: Ubu Editora, 2020a.

LATOURE, B. **Onde aterrar?** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020b.

LEVIN, K.; BOEHM, S.; CARTER, R. **6 Big Findings from the IPCC 2022 Report on Climate Impacts, Adaptation and Vulnerability (World Resources Institute)**. Disponível em:

https://www.wri.org/insights/ipcc-report-2022-climate-impacts-adaptation-vulnerability?utm_medium=cpc&utm_source=google&utm_campaign=ipcc2022&gclid=CjwKCAjwgr6TBhAGEiwA3aVuIYQIpt-0ZXDkIfOiv9393QoBvmolQfdzEHA43DY11HWl_-FRARQOxRoCKBMAvD_BwE. Acesso em: 2 maio 2022.

MAIA, R. Expanding the mass media role for the functioning of the political public sphere. *In*: MAIA, R; CORREIA, J. C. (org.). **Public sphere reconsidered**. Portugal, Covilhã: Labcom, 2011, p. 143-153.

MARQUES, A. Os meios de comunicação na esfera pública. **Líbero**, ano XI, n. 21, 2008, p. 23-36. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/594>. Acesso em: 5 dez. 2014.

MENDES, E. **Contribuições ao estudo do conceito de ficcionalidade e de suas configurações discursivas**. Faculdade de Letras da UFMG, 2004. 267p. Tese (Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2004.

MENDES, E. Por um remodelamento das abordagens dos efeitos de real, efeitos de ficção e feitos de gênero. *In*: LARA, Glauca. **Análises do discurso hoje**. Vol II. Rio de Janeiro: Lucerna/ Nova Fronteira, 2008, p. 199-220.

MENDES, E. Análise do discurso e iconicidade. *In*: MENDES, Emilia; MACHADO, Ida Lucia.; LIMA, Helcira.; LYSARDO-DIAS, Dylia. (orgs). **Imagem e discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013.

NASCIMENTO, E. Trajetória da sustentabilidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 26, n. 74, p. 51-64, 2012. Disponível em <https://www.scielo.br/j/ea/a/yJnRYLWXSwyxqggqDWy8gct/?lang=pt>. Acesso em: 2 maio 2022.

ONU. **Sexto Relatório de Avaliação do IPCC - Mudança Climática 2022: Impactos, Adaptação e Vulnerabilidade**. Disponível em: <https://www.unep.org/pt-br/resources/relatorios/sexta-relatorio-de-avaliacao-do-ipcc-mudanca-climatica-2022>. Acesso em: 2 maio 2022.

STEINBERGER-ELIAS, M. **Discursos geopolíticos da mídia**. São Paulo: CORTEZ, 2005.

THOMPSON, J. **A mídia e a modernidade**. Petrópolis: Vozes, 1998.